Exorcismo, Evangelização e Reino nos Escritos Lucanos

O mundo do exorcismo e das possessões diabólicas é considerado com suspeita pela mentalidade positivista do homem contemporâneo. Consideram-se esses fenômenos com ceticismo e descrença. Também na reflexão teológica, cujo centro é o mistério pascal, essas temáticas são julgadas secundárias e de pouco interesse. É verdade que na Igreja o exorcismo foi praticado ao longo dos séculos através de representantes oficiais; hoje, porém, não goza de muito crédito e é exercido só em pequenos grupos religiosos. São os praticantes da feitiçaria e os adeptos do movimento espírita, que, coerentemente à sua visão da realidade, valorizam essa prática.

Se a mentalidade científica atual procura se desfazer destes fenômenos, como resíduos da Idade Média, surgem, porém, para o cristão, as questões seguintes. Como entender, nos Evangelhos, as freqüentes expulsões de demônios operadas por Jesus? Como simples fruto da cosmovisão da época, com um valor, portanto, limitado, ou como algo de básico para a compreensão do ministério de Jesus? Além disso, o que querem afirmar os textos bíblicos quando falam em potências negativas que influem na vida do homem? Qual é a posição da comunidade primitiva em relação aos exorcismos? Que ligação existe entre a expulsão dos demônios e a pregação da Palavra? A estas perguntas tentaremos responder analisando os escritos lucanos.

1. OS RELATOS

Lucas destaca com insistência que Jesus liberta dos espíritos impuros e das potências demoníacas. Realça, seguindo a tradição sinótica, que a *primeira* manifestação de poder de Jesus consiste num exorcismo (4,33-37). Refere várias expulsões de demônios ao pôr-do-sol em Cafarnaum (4,40-41); evidencia que o

possesso da região dos gerasenos (8,26-39), o epilético (9,37-43), assim como algumas das mulheres que acompanham Jesus em seu ministério, em particular Maria Madalena (8,1-2), são libertados dos demônios. Coloca a controvérsia referente ao poder de Jesus sobre o mal no contexto dum exorcismo por ele praticado (11,14). Nesta perícope, que tem que ser lida à luz do contraste entre a Igreja e a sinagoga na época do evangelista, relaciona a expulsão dos demônios com o Reino de Deus que se aproxima (11,20) e deixa entrever a opinião dos contemporâneos, que consideram Jesus como um taumaturgo que opera com poderes próprios de Satanás (v. 15), destacando assim que a sua prática exorcizadora era bem conhecida. Depois desse relato, Lucas menciona, num texto de sua própria tradição, ainda uma vez uma libertação do domínio de Satanás (13,10-17) e resume, em 13,32, toda a atividade de Jesus com a expressão *expulsar demônios e realizar curas*. Se esta qualificação não é exaustiva, porque, desde o início do Evangelho, o autor evidencia a importância da pregação da Palavra na atuação de Jesus (4,43; 8,1), a expressão indica, porém, a relevância de que gozam os exorcismos de Jesus e o valor que Lucas lhes atribui. Também na missão dos Doze, que continua a de Jesus, o Evangelista coloca em primeiro lugar a tarefa de libertar dos demônios (de *todos* os demônios) e de curar os doentes, para a qual os discípulos recebem "poder e autoridade", uma hendíadis que aparece só no texto de Lucas (9,1-2). Diferentemente dos outros dois sinóticos, só Lucas frisa que a missão dos discípulos se relaciona com a vitória sobre Satanás (10,17-20); junto com Mc 9,38 menciona que o exorcismo é praticado, também, fora da comunidade cristã (9,49).

Pode-se concluir, portanto, que Lucas reflete bastante sobre a expulsão dos demônios. O seu Evangelho, com efeito, contém a maioria dos relatos de exorcismos dos outros sinóticos, aos quais acrescenta ainda novas perícopes. Só não é mencionada a narração da libertação da filha da mulher cananéia (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30), talvez porque o acontecimento se verifica fora da Galiléia e Lucas, fiel a determinado interesse teológico, elimina todas as viagens de Jesus fora desta região. Em Atos 5,16; 8,7; 16,6; 19,12, acena-se, também, à expulsão de demônios, na atuação de Pedro, Filipe e Paulo. Em 19,13.15.16 narra-se de exorcistas pagãos em Éfeso.

A constante atuação de Jesus – e dos discípulos – contra os demônios, que se apoderam do homem, recebe um realce particular, se se considera que o pano de fundo do Evangelho de Lucas é o combate pessoal de Jesus contra o diabo, que caracteriza o início e o fim da narração. Em 4,13, o tentador deixa Jesus "até o tempo oportuno"; na paixão a peleja recomeça. Agora os personagens humanos que atuam contra Jesus são representantes do próprio Satanás (22,1.53). No relato lucano, no entanto, toda a atividade de Jesus, tanto na sua vida pessoal como na atuação pública, é marcada pela luta contra Satanás e as potências demoníacas.

2. O MUNDO DOS DEMÔNIOS EM LUCAS

O evangelista usa de preferência o termo "demônio", que corresponde às expressões "espírito impuro" e "espírito maligno"[1], como resulta do paralelismo

1. Lc o utiliza 23 vezes no Ev e 1 vez nos At; Mc o emprega só 13 vezes e Mt 11. As expressões "espírito impuro" e "espírito mau" se encontram respectivamente 5 e 2 vezes no Ev e 3 e 4 vezes nos At (em Mt 2 e 1 vez;

dessas locuções em muitos textos. Além do mais, a expressão "espírito de um demônio impuro", em 4,33, indica bem a correspondência dos termos[2]. Lucas não fala genericamente em demônios; ele os relaciona quase exclusivamente[3] com as doenças que afetam a vida humana (At 10,38). Assim atribui ao demônio os sintomas das doenças corporais e psíquicas curadas por Jesus (em 11,14 Lucas fala de "demônio mudo", cf. Mc 9,17.25), e afirma que a pessoa enferma tem um espírito de fraqueza e de debilidade, que provém do próprio Satanás (13,11-16). O texto de Lc 4,39 supõe um demônio da febre, que obriga a sogra de Pedro a ficar de cama (cf. At 16,16). O evangelista manifesta também a relação entre demônio e doença identificando os sintomas de provável epilepsia com manifestações de possessão diabólica (9,37-43). Se algumas vezes enumera conjuntamente a cura dos doentes e a libertação dos possessos, dando a impressão de distinguir entre os diferentes casos (4,40-41; 9,2; 13,32), outras vezes parece considerar as próprias doenças como efeito do influxo do demônio (7,21; 8,2; 9,42; 11,14; At 5,16; 19,12b). A impressão geral, como foi evidenciado, é que Lucas não distingue claramente entre doentes e possessos[4]. De resto, utiliza o verbo *curar* (*iasthai*) tanto em relação à recuperação de doenças físicas como à libertação dos que têm um demônio (9,2b.42b) e emprega o verbo *sarar* (*therapeuein*) também para os exorcizados (4,40-41; 6,18; 7,21; 8,2; 9,6; 10,9.17; 13,14; At 5,16).

Se os demônios têm poder para entrar no ser humano (*eiserchesthai*, 8,30), atingindo o centro da personalidade e provocando danos físicos e psíquicos (4,35c), Lucas não pensa, porém, que toda doença seja determinada por influxo dum espírito impuro, mesmo que o autor não seja obrigado a fazer esta referência em cada relato de recuperação de saúde. Com efeito, não menciona a expulsão dos demônios em muitas curas[5]. Diferentemente de Marcos e Mateus, que várias vezes falam em "endemoninhados", Lucas utiliza a palavra só uma vez (8,36), no caso talvez mais problemático do homem dominado por uma legião de demônios; nesse texto, porém, a escolha do termo parece determinada pela preocupação de evitar repetições mais do que para qualificar o estado do enfermo. Com uma atitude de cautela, o evangelista prefere expressões mais genéricas como: "ter um demônio" (7,33; 8,27), "ter um espírito" (8,27; 13,11; At 8,7; 16,16; 19,3), que deixam espaço para várias interpretações. Da mesma forma, utiliza expressões vagas para indicar tanto a possessão como a libertação dos doentes: o demônio "entra" numa pessoa (8,30) e "sai" dela (4,35.36; 8,35). O evangelista, também, diferente de Jo 9,2, não afirma que a doença é conseqüência do pecado. Aparecem, portanto, no Evangelho de Lucas, vários elementos que indicam que o autor toma uma certa distância da concepção corriqueira. Seu texto não deixa espaço para o medo dos demônios, cujo influxo se exerce num âmbito bem reduzido e nunca limita a responsabilidade humana[6], nem

em Mc aparece 11 vezes só a primeira expressão); o termo "espírito", sem conotações ulteriores, é utilizado em Lc 9,38; 10,20 para indicar uma potência negativa (cf. Mc 9,20 e Mt 8,16).

2. Lucas explica aos leitores gregos que pode existir um espírito *mau* (At 17,18).

3. Em 7,33 atribui-se o comportamento ascético e anticonformista de João Batista à possessão diabólica.

4. Cf. A. GEORGE. Le Miracle. Em: *Études sur l'oeuvre de Luc*, Paris 1978, p. 133-148 (134). Mc 1,32; 3,10-11 parece distinguir mais.

5. Cf. a cura do leproso (5,12-13), do paralítico (5,17-26), do homem da mão seca (6,6-11), do servo do centurião (7,2-10), da hemorroíssa e da filha de Jairo (8,40-56), do hidrópico (14,1-6), dos dez leprosos (17,11-19).

6. Lucas insiste sobre a importância do coração disponível (6,45; 8,12.15; 12,34), do olhar puro (11,34), dos bons pensamentos (2,35; 5,22; 9,46.47), da decisão fundamental (14,28-33), do engajamento sério na espera da parusia (19,11-27).

mesmo a dos adversários de Jesus, que no relato da paixão são apresentados como instrumentos de Satanás (22,3.53).

A discrição lucana na apresentação dos demônios não impede, porém, que o autor recorra também a imagens visuais e a representações plásticas: repete as afirmações populares de que os âmbitos próprios deles são as sepulturas (8,27), os lugares áridos (11,24). Relaciona os demônios com Satanás (11,18-19; 10,17-18), que, qualificado como seu chefe[7], o inimigo (10,19), Belzebul (11,18-19)[8], parece ser a fonte de todo mal (13,16). Tal mundo demoníaco é esboçado, em 11,14-25, como uma organização feudal em estado de guerra, com um monarca supremo e os seus subalternos, entre os quais são possíveis divisões e lutas intestinas[9]. Para representar esta realidade do mal, Lucas lança mão também de símbolos mitológicos, como os da serpente e do escorpião (10,19), que se encontram na tradição bíblica e no judaísmo[10]. Evidencia a ligação entre demônios e abismo (8,31), que na perspectiva hebraica representa o lugar da prisão definitiva do diabo[11]. Julga apropriado relacionar os demônios ao mundo do impuro, representado pelos porcos (8,32).

3. OS DEMÔNIOS E A CULTURA ANTIGA

Todos os elementos relativos aos espíritos malignos que aparecem no relato lucano se encontram também – mas de forma muito mais abundante – na literatura intertestamentária do judaísmo tardio. Além de especular sobre as origens dos demônios[12], esta estabelece o seu número, a hierarquia entre eles, as sedes onde eles moram[13]; cada um é personalizado e recebe um nome; apresenta-se Satanás como o comandante supremo (Jub 10,8; 11,5); fala-se em sua queda do céu[14]; afirma-se que os espíritos maus habitam no homem e determinam a sua vida (1QS 3,18; 4,26); indica-se que a ação dos demônios é limitada e que a sua derrota antecipa a vinda do Reino de Deus (1Hen 16,1; 10,5-6.12-16; 19,1; Jub 10,8-11)[15]; menciona-se o abismo como a morada escatológica a que são destinados (Jub 10,11). Nessa literatura encontra-se também a convicção de que as várias doenças são provocadas pelos demônios[16].

7. O termo *diabolos* é a tradução grega do hebraico *satan*, que significa opositor, acusador.

8. Trata-se de um nome popular provavelmente de origem fenícia, que não aparece na literatura judaica e que significa *senhor da casa, do templo* ou simplesmente *príncipe, promotor de inimizade*. Cf. 2Rs 1,2.3.6, onde porém se fala de Belzebub, com o sentido de *senhor das moscas*. Na literatura intertestamentária usa-se o nome de Belial ou de Beliar (2Cr 6,15).

9. O. da SPINETOLI. *Luca*. Assis, 1982, p. 401. Lucas não fala em *anjos* subordinados ao diabo como Mt 25,41; 2Cor 12,7; Ap 12,7; cf. 9,11.

10. Cf. Sl 91,13; Dt 8,15; 2Cor 11,3; Ap 12,9.14; 20,2; 9,3.5.10; TLev 18,12. M. LURKER, *Wörterbuch Biblischer Bilder und Symbole*. Munique 1973, p. 318-320, 343-344.

11. Com efeito, em Mt 8,29 o demônio pede para não ser lançado no abismo "antes do tempo".

12. Consideram-se anjos rebeldes os que não reverenciaram o primeiro homem (Vid. Adam [lat] 12-16); à luz de Gn 6,1-4 reflete-se sobre os motivos de sua queda na terra (Jub 4,15; 15,3; 1Hen 10,11; TestRub 5,5-6; TesNeft 3,5).

13. Cf. H. BIETENHARD, "daimon". Em: *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*. Bolonha, 1976, p. 456-463.

14. Cf. TLev 18,12; TJud 25,3; TDan 7,10; Jub 23,29; 1Hen 54,4-6; 55,4; 69,27.

15. DIEZ MACHO. *Apócrifos del Antiguo Testamento*, I. Madri, 1984, p. 335-344. O autor frisa que estas perspectivas determinam uma atmosfera de pessimismo (4Esd 8,35; 7,51; 8,3).

16. Em Jub 10,10.12 os demônios ensinam a Moisés a curar as doenças que eles mesmos provocam; em 1QGn.Ap 20,16-24 os males dos Egípcios, que Gn 12,17 atribui a Deus, são imputados a um espírito maligno.

Esta abundante variedade de especulação sobre os demônios contrasta com a sobriedade do AT, onde aparecem só elementos vagos e marginais, que se referem principalmente a crenças populares. Fala-se em espíritos dos mortos (1Sm 28,13; Dt 18,11; Is 8,19); em espíritos que moram nas ruínas (Is 13,21; 34,14); em demônios que presenciam aos sacrifícios (Lv 17,7; Dt 32,17; Sl 106,37); em anjos de discórdia (Jz 9,23); em espíritos maus (1Sm 16,14; 18,10; 19,9; Tb 6,8b)[17], sem porém dar a estas afirmações muito peso. Poucas vezes e não explicitamente relaciona-se doença e possessão demoníaca (Sl 78,49.50; 91,3.6[18]; cf. porém 2Rs 5,1-19), porque normalmente refere-se a Deus tanto o bem como o mal (1Sm 16,14; Ex 9,12; 10,20). No AT, nunca se apresenta Satanás como um princípio mau, oposto a Deus. Com efeito, o termo é utilizado freqüentemente para indicar simplesmente um adversário humano, às vezes suscitado pelo próprio Deus[19], ou um genérico opositor ao plano de Deus, que, no livro de Jó, é representado com traços claramente poéticos (1,7.9.12)[20]. É interessante notar que o mesmo acontecimento é atribuído em 2Sm 24,1 à ira de Javé e em 1Cr 21,1 a Satanás.

No NT a referência a Satanás e ao diabo é mais freqüente e familiar aos hagiógrafos[21]. Este é representado como o dominador deste mundo, o tentador e o acusador do homem, o opositor da missão, o senhor da morte, aquele que sustenta o anticristo na luta escatológica contra o Messias.

É difícil, pois, discernir se os autores do NT e Lucas, em particular, assumem simplesmente a concepção de demônios da cultura da época, como motivo literário, sobre o qual não se pronunciam, ou se, pelo contrário, emitem um juízo de valor. A solução do problema depende da análise da natureza da linguagem bíblica, do contexto em que a referência é feita, dos pressupostos e das implicações culturais. Além disso, tem que se considerar que as afirmações sobre os demônios são de ordem diferente à das verdades científicas.

Certamente, a relação frisada por Lucas, entre doença e ação demoníaca, é uma maneira arcaica e pré-científica de considerar as enfermidades, sem distinguir os limites entre expulsão de demônios e cura. Isto é compreensível porque no âmbito cultural do NT não se indaga sobre as causas das doenças, das quais se apresentam só os sintomas genéricos, e se prescinde da ciência médica na interpretação dos dados[22]; a própria farmacopéia se reduz a poucos remédios, como óleo e vinho (Lc 10,34)[23]. Com efeito, em Israel a medicina nunca pôde se desenvolver por causa da convicção da impureza do cadáver e do temor de

17. FOERSTER, "daimon". Em: *TWNT*, II, Stuttgart 1935, p. 1-21.

18. O espírito mau é chamado com o nome da doença que ele provoca (*deber*, "peste").

19. 1Rs 1,14; 11,23a; 11,25b [TM]; 1Sm 29,4 [TM]; Est 7,4; 8,1; Sl 109,6; 1Mc 1,36.

20. Em Zc 3,1-2, onde se faz um rápido aceno ao diabo (*ha satan*), o artigo indica que se intende apresentar mais uma função do que uma pessoa. Também a afirmação de Sb 2,24: "pela inveja do diabo a morte entrou no mundo", parece ser mais uma reinterpretação de Gn 3 (cf. Rm 5,12) do que uma declaração da existência do demônio.

21. Satanás é mencionado em Jo 13,27; At 5,3; 26,18; 1Cor 5,5; 7,5; 2Cor 2,11; 11,14; 12,7; 1Ts 2,18; 2Ts 2,9; 1Tm 1,20; 5,15; Ap 2,9.13bis.24; 3,9; 12,9; 20,2.7; o diabo em Jo 6,70; 8,44; 13,2; At 10,38; 13,10; Ef 4,27; 6,11; 1Tm 3,6.7.11; 2Tm 2,26; 3,3; Tt 2,3; Hb 2,14; Tg 4,7; 1Pd 5,8; 1Jo 3,8bis.10; Ap 2,10; 12,9.12; 20,2.10. Cf. também Jo 12,31; 14,30; 16,11.

22. Fala-se no homem com a mão seca (6,6-11), no hidrópico (14,2). Também no AT há uma descrição superficial das doenças, frisando só as manchas na pele, as feridas, as fraturas. Cf. H. SCHLIER. Principautés et Puissances dans le Nouveau Testament. Em: *Essais sur le Nouveau Testament*. Paris, 1968, p. 171-185.

23. Cf. Is 1,6 (óleo); Jr 8,22; 46,11; 51,8 (bálsamos); 2Rs 20,7 (figos); Sb 7,20 (plantas medicinais); Tb 11,8-12 (fel de peixe).

derramar o sangue, sede da vida[24]. A visão hipocrática[25] tem, pois, uma influência limitada, embora em Israel existam médicos (Lc 4,23; cf. Jr 8,22; 2Cr 16,12), cuja profissão, desprezada por muitos como impura, é elogiada por Sr 38,1-15, um autor bíblico mais sensível ao influxo da sociedade helenística[26]. Lucas, portanto, não escapa a esta apresentação popular das doenças, cuja cura é mais obra de um taumaturgo que expulsa os demônios, do que de um tratamento médico adequado[27].

Se esta é a cosmovisão da época, tem ainda sentido fazer referência a Satanás em relação às doenças, segundo a perspectiva do evangelista? A resposta é basicamente negativa, porém não exclusiva. Pode-se perguntar mais radicalmente: é necessário admitir a existência do diabo ou é suficiente falar em Satanás como personificação das forças do mal, sem qualificá-lo como pessoa? A esta questão o NT não pode responder, porque a distinção escapa a seu horizonte de compreensão; com efeito, o NT não distingue entre o ontológico e o fenomenológico, entre o mal hipostasiado e o mal histórico[28]. As declarações sobre os demônios são, de fato, afirmações-limite que vão além da experiência ordinária; sua compreensão, portanto, é problemática. Estas, sem dúvida, indicam que o mal no mundo é um dado inegável, que a existência humana é ameaçada; ao mesmo tempo, declaram a dificuldade de explicar a realidade das forças negativas que, como algo de misterioso e de irredutível, sobrepujam a capacidade de resistência do homem. Reduzir, porém, o discurso sobre Satanás à mera representação literária, como se tudo se esgotasse no nível do imaginário, da projeção do inconsciente ou da linguagem mítica, parece incorreto. Com efeito, o homem não conhece a complexidade do real e a profundidade do ser. O que Lucas, por exemplo, pretende afirmar através do gênero literário das tentações? (4,1-13). Simplesmente o poder de Jesus que se revela como Filho de Deus, a necessidade de que o seu messianismo passe pelo crivo da cruz? Ou algo mais? Por isso, antes de se livrar rapidamente de uma realidade incômoda que não se quer mais considerar, é necessário interpretá-la à luz de uma compreensão mais abrangente, superando o que parece errôneo. A respeito da personalidade de Satanás, é melhor, portanto, uma "docta ignorantia", como sugere Faus[29]. Negar a realidade do diabo seria negar a problematicidade do real e as suas dimensões trágicas que aparecem na história.

24. A. GELIN. Médecine dans la Bible. Em: *DBS*, V, Paris, 1957, p. 957-968.

25. H. van der LOOS, *The Miracles of Jesus*. Leiden, 1965, p. 81-82.

26. J. JEREMIAS, *Jerusalém no tempo de Jesus*. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo, 1983, p. 403-407. Opiniões contrárias aos médicos se encontram em Is 26,14 [LXX] e em Sl 87,11 [LXX], onde se afirma que "os médicos não ressurgirão".

27. Mc 5,26-27 mostra que, quando o médico não consegue curar, o povo se dirige ao taumaturgo. Evidencia-se uma tensão entre as duas figuras.

28. G. BOF, "Angeli". Em: Nuovo Dizionario di Teologia. Supp. 1. Alba 1983, col. 1933-1945. Cf. A. GEORGE. Les Récits de Miracles. Caratéristiques lucaniennes. Em: Études sur l'oeuvre de Luc. Paris, 1978, p. 63-86 (72).

29. G. FAUS. Jesús y los demonios. Introducción cristológica a la lucha por la justicia. Em: *Fe y Justicia*, Salamanca, 1981, p. 61-97 (74).

4. JESUS E OS DEMÔNIOS

a) A atuação de Jesus

Em Lucas, o comportamento de Jesus na realização dos exorcismos é extremamente sóbrio. Jesus atua quase exclusivamente com a força da Palavra e a autoridade da sua pessoa, sem gestos particulares: simplesmente conjura e ordena aos espíritos (4,35; 8,29; 9,42; 13,12); só em 4,35 e 13,12 relata-se a palavra de Jesus[30]. O efeito sempre é apresentado como imediato e se realiza também quando o inimigo é particularmente agressivo (8,2.30), i.é, quando os demônios são muitos[31].

A comparação com o Evangelho de Marcos evidencia que Lucas reduz consideravelmente os elementos que assemelham Jesus aos taumaturgos da época. Com efeito, em Mc 7,31-37, na realização da cura do surdo-gago, Jesus segue a atitude comum de levar o doente a sós, para que o segredo da cura não seja divulgado; depois transmite-lhe força, colocando-lhe os dedos nas orelhas e tocando a sua língua com a saliva, considerada um excelente meio terapêutico[32]; levanta os olhos para o céu e emite um suspiro, dispondo-se a receber o poder necessário para a realização da cura; pronuncia em seguida, segundo a praxe habitual, uma palavra estrangeira, no caso *ephphatha* ("abre-te"), que no contexto tem certo sabor mágico. A indicação da cura, realizada como abertura dos ouvidos e libertação dos laços que amarram a língua do doente, indica a vitória sobre o demônio[33]. Todos estes elementos faltam em Lc 13,16, onde, descrevendo-se a libertação da mulher recurvada, que Satanás por muitos anos mantinha amarrada, menciona-se só a imposição das mãos. Em Lucas, este gesto é o único que Jesus faz, tanto por ocasião de exorcismos (13,13) como de curas (4,40; At 9,12.17; 28,8). Se o autor procura evitar apresentar a figura de Jesus como exorcista segundo os moldes da cultura do tempo[34], é provável, porém, que a imagem que nos transmite Marcos seja mais próxima à realidade, porque a hipótese de uma "legendarização"[35] total e posterior parece menos aceitável. Segundo esta perspectiva, explica-se melhor por que os contemporâneos de Jesus o caluniam, considerando-o um mago, que utiliza potências ocultas (Lc 11,15; cf. Jo 7,20; 8,48; Talmud bT Sanh 43a). A mesma moderação, que caracteriza Lucas na apresentação dos demônios, qualifica, pois, a descrição da atuação de Jesus como libertador das potências do mal.

30. Se uma vez Jesus pergunta o nome do demônio, não se relaciona a pergunta com a realização do exorcismo que já aconteceu (8,30).

31. Há, em alguns trechos, uma oscilação entre o singular e o plural: em 4,33.34 o demônio impuro grita "o que existe entre *nós* e ti"; em 8,26 fala-se de demônios no plural, porém, nos v. 28b-29 a narração é no singular, para continuar no plural nos v. 30.33.35.38.

32. Os historiadores romanos lembram que também Vespasiano em Alexandria no Egito cura um cego com a saliva (Tácito, *Hist.* 4,81; Suetônio, *Vita Vesp.* 7,2s).

33. Cf. R. PESCH, *Marco*, I. Bréscia, 1980, p. 608-621. Também em Mc 8,22-26, na descrição da cura do cego de Betsaida, existem traços semelhantes: Jesus toma o cego pela mão, o conduz para fora da cidade, cospe nos olhos dele e impõe as mãos, informa-se sobre o efeito do tratamento.

34. A sobriedade de Lucas aparece também nos relatos de cura. Como Mc 1,41; 5,30; 8,22, frisa o contato entre Jesus e o doente (5,13; 18,15; 22,51 e 6,19; 8,44; cf. 7,39); atribui a Jesus uma força que saindo dele restabelece os enfermos (6,19; 8,46; cf. 5,17), sem, porém, afirmar que Jesus tem consciência dessa emanação (Mc 5,30).

35. A expressão é de S. LEGASSE. L'historien en quête de l'événement. Em *Les Miracles de Jésus*. Paris 1977, p. 109-145 (128), que indica alguns motivos para esta tomada de posição.

Também através de outros elementos, o evangelista frisa que o comportamento de Jesus se diferencia do dos exorcistas do seu tempo[36]: ele não se centra sobre si, permanece alheio a qualquer propaganda, atribui a Deus o êxito da libertação do demônio (13,13). É por causa desses elementos que nenhum texto no NT qualifica Jesus como *exorcista* ou taumaturgo, nem chama de *exorcismos* as suas atuações; isto indica que a sua figura não se esgota nessa função. É interessante notar que Lucas relaciona os exorcismos de Jesus (4,36; 6,19; 9,1; 10,19; 11,20) ao *poder* de Deus e nunca ao Espírito, como faz Mt 12,28[37]. O evangelista refere-se ao Espírito que atua no Messias (3,22; 4,1.14.18), exclusivamente quando trata da missão de Jesus (4,18-19; 10,21)[38], evitando assim aproximar seus exorcismos aos feitos dos homens divinos da Antiguidade, realizados comumente pelo poder dum espírito.

b) Expulsão dos demônios e Reino de Deus

O sentido da expulsão dos demônios por parte de Jesus se torna claro, considerando a relação entre exorcismo e Reino, muito frisada por Lucas: com efeito, em 4,40-44, o anúncio do Reino, feito por Jesus, se segue à libertação dos demônios operada em Cafarnaum; em 13,18 a recuperação da mulher recurvada, vítima de Satanás, é relacionada com a vinda do Reino; em 9,1-2, a missão dos discípulos de proclamar o Reino de Deus implica entrega de poder sobre os demônios. A justaposição dos temas se encontra ainda em 8,1-2.

Estas afirmações preparam a declaração de 11,20. Com a expressão consecutiva: "se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós"[39], se explicita que, nos exorcismos de Jesus, se manifesta o poder salvador de Deus que instaura o seu Reino, libertando o mundo do domínio de Satanás[40]. A neutralização das forças do mal que influem na história é, no entanto, o pressuposto necessário para a irrupção do Reino, que, no texto, tem uma conotação muito concreta (mesmo que não exaustiva), identificando-se com a libertação do homem do poder do mal, através da recuperação da saúde e da restituição do doente à vida social (8,35b).

A implantação do Reino implica a superação de ocorrências aparentemente, do ponto de vista humano, sem saída. Com efeito, o evangelista faz menção aos demônios, que Jesus exorciza, em situações-limite: refere-se a estes, em particular, quando descreve a doença física do homem, perante a qual, na época de Jesus, não se têm recursos humanos capazes de se lhe opor, ou quando relata a paixão do Senhor, um acontecimento em que a força do mal se manifesta com toda a sua virulência. Parece, portanto, que o autor cita Satanás e os demônios para apresentar o mal na sua dimensão transbordante e assustadora, apontando para sua pretensa onipotência que supera as possibilidades de

36. Cf. LOOS, *Miracles*, p. 288, que apresenta um exorcismo de Apolônio de Tyana.

37. Cf. E. SCHWEIZER, "pneuma". Em: *TWNT*, VI, Sttutgart, 1959, p. 330-453 (405-410).

38. Nos Atos, a ação do Espírito é reservada à atuação da Igreja (At 4,8.31; 5,32; 7,55; cf. Lc 12,12).

39. Cf. A. GEORGE. Par le doigt de Dieu (Lc 11,20). Em: *Études sur l'oeuvre de Luc*. Paris, 1978, p. 127-132. A expressão "com o dedo de Deus" é redacional.

40. Lucas está longe de uma visão dualista da realidade, mesmo que esta seja só a nível fenomenológico e moral e não metafísico (cf. 1Jo 5,19; Jo 8,23).

controle do homem[41]. O Reino vem porque Jesus esmaga essa realidade potente e tenebrosa.

Também os verbos que Lucas utiliza são significativos para indicar a vitória de Jesus. Ao lado do genérico e descritivo "expulsar os demônios", encontra-se o verbo *epitiman* (4,35.39; 9,42; cf. 8,24), que em vários textos significa *reprovar* (4,41; 9,21.55; 17,13; 18,15.39), mas em relação à expulsão dos demônios tem um sentido muito mais forte. Como nota Kee[42], o verbo traduz o hebraico *ga'ar* que, no AT, indica a derrota, realizada pelo poder de Deus, das forças que se opõem à sua obra salvífica. Se o termo aparece em relatos que narram a luta de Javé contra o caos primitivo (Jo 26,11; Sl 104,7), se encontra também tanto em textos que descrevem a submissão por parte de Deus dos inimigos históricos de Israel (Sl 18,16; 68,31; 76,7; 80,17) como em narrações que, num horizonte escatológico, apresentam a luta de Deus contra as nações hostis que obstaculizam o seu plano (Is 17,13; 66,15; Sl 9,6). Nesse sentido o verbo é utilizado também em Qumrân (1QGn.Ap 20,28-29; 1QM 14,10) e na apocalíptica judaica (Jub 10,4-11; ApBar 21,23) para indicar a derrota e a submissão final dos espíritos do mal que detêm o controle deste mundo. Esta atuação divina, que implica uma ação destruidora, é condição para que o reinado de Deus se torne efetivo. O emprego desse verbo em Lucas e nos sinóticos[43] indica, portanto, que com a vinda de Jesus os demônios são definitivamente submetidos e aniquilados, e que a vitória de Deus sobre o mal está se realizando. As situações mais desesperadoras, nas quais o poder do mal se manifesta soberano, são superadas.

Lucas realça esta perspectiva através de vários elementos. No Evangelho, normalmente é Jesus que toma a iniciativa de expulsar os demônios, como se esta fosse prerrogativa sua particular (cf., porém, 9,38). As qualificações atribuídas a Jesus, nos relatos de exorcismo, como "Santo" (4,34), "Filho de Deus" (4,41), "Filho do Altíssimo (8,28) evidenciam exaustivamente sua dimensão superior e divina, necessária para submeter o espírito do mal. Jesus, com efeito, é o mais forte (3,16; 11,22), que entra na casa do forte, o ata, destrói a sua armadura e distribui os seus despojos (11,21). É por isso que, no Evangelho, os demônios sempre aparecem como obedientes à sua autoridade. Se em 4,33 o grito antes da expulsão, junto com a afirmação de conhecer o nome de Jesus, pode indicar a tentativa do espírito impuro de impedir o exorcismo, manifestando o poder que o conhecimento do nome proporciona[44], de fato essa tentativa fracassa[45]. As imagens do relâmpago que cai do céu[46] e a dos discípulos que têm poder de "pisar aos pés" o inimigo (10,18-19) declaram profeticamente que a Satanás sobra pouco tempo. Também as expressões utilizadas pelos próprios demônios, ao encontrarem-se com Jesus: "vieste para perder-nos" (*apollynai*, 4,34) e "peço

41. Em Lc 8,12; 22,31 Satanás aparece como opositor à missão; seu império, que se exerce particularmente no mundo pagão (At 26,18), é derrotado pela atuação apostólica de Paulo.

42. H.C. KEE. *The Terminology of Mark's Exorcism Stories*. Em: *NTS* (1967-1968), p. 232-246.

43. Segundo Kee, nos relatos de exorcismo dos autores profanos, como Josefo, Filostrato ou Luciano de Samósata, nunca se usa o verbo *epitiman*, "destruir", a respeito dum exorcismo, preferindo-se o verbo *horkizein*, "exorcizar".

44. Cf. H. MARSHALL. *The Gospel of Luke*. Exeter, 1978, p. 192-194. H. SCHÜRMANN, *Il Vangelo di Luca*. Bréscia, 1983, p. 429, pensa, porém, só numa tentativa do diabo de acalmar a Jesus.

45. Em 8,30 a pergunta de Jesus pelo nome do espírito, que acontece depois da ordem de sair do doente, não indica tentativa de ganhar poder sobre o demônio; simplesmente prepara a narração seguinte (8,30, cf. 8,2).

46. O particípio aoristo *pesonta*, "caindo", é constatativo. Cf. MARSHALL, *Luke*, p. 428.

que não me atormentes" (*basanizein*, 8,28), contribuem para declarar que o mal é vencido nas suas raízes, de maneira irreversível e definitiva. Para Lucas, a vitória de Jesus se realiza plenamente no mistério pascal; de fato, a própria paixão é um combate contra Satanás e a glorificação de Jesus, através da interpretação cristológica do Sl 110,1 (At 2,35), implica a submissão definitiva de todos os seus inimigos.

Existe, no entanto, uma relação intrínseca entre a expulsão dos demônios e a vinda do Reino; o retrocesso do domínio de Satanás determina, com efeito, o progresso do Reino. Independentemente da cosmovisão da época, os exorcismos do relato evangélico são, pois, acontecimentos de primeira importância: de fato, são a declaração de que Jesus enfrenta o mal nas suas dimensões mais trágicas e o derrota definitivamente numa luta sem tréguas, que tem de ser continuada pela Igreja na sua tarefa histórica. A sobriedade com que Lucas retrata a atuação de Jesus enfatiza ainda mais seu poder absoluto.

5. EXORCISMO E EVANGELIZAÇÃO

Se os exorcismos são parte integrante da missão de Jesus, adquirem valor unicamente à luz da pregação, como gestos que autentificam a Palavra. Tirados deste contexto, perdem o seu sentido. O próprio Lucas relaciona várias vezes os exorcismos com o anúncio de Jesus e dos discípulos (4,44; 8,1-2; 9,1-2; At 8,7; 19,8.12) e os considera, como também os milagres, em função da pregação, como testemunhos da sua veracidade, acontecimentos que manifestam desde já a restauração escatológica do homem[47]. Esta dimensão se torna clara no caso do milagre da "Porta bela" (talvez originalmente um exorcismo) que recebe seu sentido pleno com o anúncio de Pedro em At 3,16 e 4,10. Ele ilustra, pois, o valor da pregação apostólica que proclama o Cristo ressuscitado, salvador integral do homem[48]. Por isso, o exorcismo tem que ser considerado mais como um "sinal" do que como um fato extraordinário (Lc 23,28; cf. At 4,16.22; 8,6). Em si e não subordinado à Palavra (cf. 16,31), o exorcismo não é um acontecimento decisivo (10,13).

A subordinação do exorcismo à pregação se manifesta, em Lucas, também pelo fato de que Jesus, embora seja sensível aos pedidos das multidões, não se mostra inclinado a multiplicar gestos de expulsão de demônios e curas, por medo de que o povo fique preso a eles. Por isso, o sinal básico que será dado é o de Jonas, que consiste no convite à conversão e à penitência (11,29-32). A esta atitude de cautela se opõe o anúncio de Jesus, que recebe grande destaque ao longo de toda a obra lucana. De fato, além das breves indicações sobre a necessidade da pregação (4,43-44; 8,1), a começar do relato de Nazaré, Lucas menciona vários textos referentes ao ministério da Palavra desempenhado por Jesus (6,20-48; 7,18-35; 8,4-21; 10,1-6; 15,1-32). A sua qualificação de "profeta" (4,24; 7,16.39; 13,33) realça o seu papel de missionário itinerante que anuncia a Boa-Nova.

47. Obedecendo à mesma lógica, Lucas coloca também várias curas num contexto de ensinamento (4,31-32; 5,1-13; 5,17-26; 6,6; 13,10; cf. At 4,29-30; 6,7-8; 14,6.8-10).

48. Para o evangelista, *salvar* indica a globalidade da salvação, tanto física como espiritual, tanto temporal como escatológica.

Para dar-se conta do interesse que Lucas manifesta pela pregação, basta considerar a freqüência com que no Evangelho e nos Atos utiliza o verbo *proclamar* e, diferentemente dos outros sinóticos, o verbo *evangelizar*[49]. O anúncio da Boa-Nova aos pobres é mencionado como primeira tarefa do Messias (4,18; 7,22), cuja atuação consiste principalmente em "proclamar e evangelizar" o Reino de Deus, como frisa o autor com uma expressão redundante que destaca a importância do ministério (8,1; cf. 20,1). O mandato final do Ressuscitado concentra-se também na proclamação da Boa-Nova da salvação a todas as nações (24,47), sem mencionar explicitamente sinal algum. A evangelização do Reino é, com efeito, o elemento que caracteriza a época do Messias, depois do tempo do Batista (16,16).

Ao longo do Evangelho, no entanto, nota-se uma diminuição dos exorcismos e dos milagres, à medida que Jesus se aproxima de Jerusalém; também nos Atos, em contraste com a freqüência do anúncio da Palavra, são relativamente poucos e colocados em pontos estratégicos. Não se conclua, porém, que não são importantes. Apesar do número, para o evangelista permanecem imprescindíveis na realização da missão cristã, que, segundo a lógica da encarnação, tem que manifestar a salvação de Deus concretamente na história. Lucas, com efeito, evidencia a importância desta dimensão, tanto apresentando Jesus como um profeta "poderoso em *obras* e palavras" (24,19; 7,22; At 1,1), i.é, mencionando em primeiro lugar a sua atuação concreta, como frisando que o anúncio da Igreja tem que ser comprovado com sinais visíveis (9,1-2; At 4,20.29-30; 6,7-8; 8,6).

Se tais gestos, que mediatizam a salvação, são intrinsecamente necessários à economia cristã, o que dizer do exorcismo? A resposta tem que ser matizada, distinguindo entre exorcismo de Jesus e exorcismo da Igreja na sua atuação histórica. Como ação potente do Messias, que, derrotando o mal, instaura o Reino, o exorcismo tem um valor permanente e é normativo para a comunidade cristã. Com efeito, é o sinal de que, com a vinda de Jesus, Deus erradica o mal da história e restaura o homem. Como ato concreto, porém, que liberta um doente, considerado como possuído do demônio, é um acontecimento significativo só no respectivo contexto em que se interpreta desta forma a enfermidade: tem, portanto, um valor limitado no tempo. Em outras palavras, é só *uma* das ações libertadoras que manifestam o poder ilimitado de Jesus e que corroboram a pregação cristã. Mudando as condições histórico-culturais, o exorcismo não tem mais a relevância que recebe no mundo cultural do NT. Com efeito, no próprio Evangelho de Lucas, a simples comparação entre a missão dos Doze (9,1-6) e o envio dos 72, que representa a missão eclesial depois da Páscoa (10,1-12), mostra uma queda da insistência no exorcismo. Nos Atos, a tendência lucana a reduzir os gestos taumatúrgicos de Jesus leva provavelmente o evangelista a transformar relatos que originalmente eram de exorcismos (3,1-10; 9,32-35.39-43; 14,8-18; 20,7-12; 28,7-8)[50] em simples narrações de cura. No discurso com que Paulo se despede das suas comunidades, não se menciona o exorcismo (At 20,17-38), indício claro da sua menor importância no tempo apostólico. A comunidade primitiva, fiel ao mandamento de Jesus de expulsar

49. Em Lc e At os dois verbos ocorrem respectivamente 9 e 8 vezes e 10 e 15 vezes.

50. K. THRAEDE. Exorcismus. Em: *RAC*, VII, Stuttgart, 1969, col. 44-117 (64). Em At 16,16 o exorcismo é banalmente motivado.

os demônios (9,1-2), encontra outros sinais para manifestar concretamente que a sua obrigação de lutar contra as forças do mal continua. O próprio Lucas parece indicar na mentira e na infidelidade aos compromissos eclesiais (At 5,3), assim como na cobiça das riquezas e dos prazeres desta vida (Lc 8,12.14), novas manifestações de Satanás (cf. 22,31) a serem combatidas.

É interessante notar que o evangelista João não relata exorcismo algum; só se limita a utilizar o termo de "endemoninhado" nas acusações dos adversários contra Jesus (7,20; 8,48.49.52; 10,20.21). Também nas cartas de Paulo e nas outras partes do NT omitem-se os exorcismos[51]. Se tal queda de interesse nas expulsões de demônios está em vigor já no NT, a pregação da Palavra, que anuncia Aquele que é vitorioso sobre o poder do mal e proporciona à sua Igreja energias para continuar esta tarefa, caracteriza, como algo de perene e fundamental, a existência cristã. Através do "nome" (At 3,6; 4,10.18.30), Jesus ressuscitado está presente nesta Palavra, pela qual transmite sua força transformadora.

* * *

Lucas é moldado pela cultura do seu tempo. A sua redação, porém, caracteriza-se pela sobriedade com que apresenta tanto as manifestações dos demônios como a atuação de Jesus na expulsão dos mesmos. Manifesta assim a sua sensibilidade de homem aberto ao que existe de melhor no mundo helenista. Para o evangelista, o exorcismo é basicamente sinal da luta que Jesus trava contra o poder do mal que diminui a vida do homem. Trata-se, pois, de uma ação de libertação que manifesta o estabelecimento do Reino de Deus na história. Se está ligado a uma cultura particular, não se pode excluir, em alguns casos, o seu valor também em âmbitos cientificamente mais desenvolvidos. A mensagem do Evangelho nesse campo, porém, não se esgota no convite a praticar exorcismos. Aponta para o mal sempre emergente no mundo, que se apodera do homem e o escraviza, proclamando que Jesus é vencedor escatológico de todas as forças negativas, também nas suas formas mais impressionantes e opressoras. Cada época apresenta fenômenos nos quais se manifesta o excesso da maldade: se em algum tempo se pensava que o demônio estivesse ligado ao âmbito da natureza, hoje aparece mais relacionado com a história dos homens e as estruturas[52]. Lucas, lembrando que a pregação da Igreja tem que ser acompanhada por sinais históricos de libertação, anima os cristãos de todos os tempos a um empenho sério na solução dos problemas deste mundo, reconhecendo quais são as formas do mal histórico que têm que ser superadas em nome do Evangelho. Com efeito, uma verdadeira evangelização exige tanto a diaconia da fé como a promoção humana: é questão de fidelidade à dimensão básica do cristianismo.

Alberto Casalegno
Caixa Postal 5047
31611-970 Belo Horizonte, MG

51. Paulo menciona só duas vezes os demônios em relação ao mundo dos gentios (1Cor 10,21.22); fala só uma vez de espíritos sedutores a respeito dos falsos doutores (1Tm 4,1). Cf. também Tg 2,19; Ap 9,20; 16,14; 18,2.

52. G. FAUS, Jesús y los demonios, p. 90.